

Contributos para a descrição linguística da Língua Gestual Portuguesa: planos morfológico e morfossintático¹

Celda Morgado
ESE- IPP/CLUP
celda@ese.ipp.pt

Ana Maria Brito
FLUP/CLUP
abrito@letras.up.pt

RESUMO

Neste texto analisamos algumas semelhanças e diferenças entre as línguas gestuais e as línguas orais, partindo de algumas investigações recentes. Pretendemos mostrar que a Língua Gestual Portuguesa (LGP) é uma língua natural em que a combinação das unidades do sistema (o querema, o gesto e a frase) se realiza articulando processos de linearidade e de simultaneidade, num espaço sintático com múltiplas potencialidades morfossintáticas, textuais e pragmáticas. Analisaremos, principalmente, fenómenos dos planos morfológico e morfossintático, muito em particular decorrentes dos tipos de verbos e das suas propriedades e funcionamento.

PALAVRAS-CHAVE

línguas gestuais, Língua Gestual Portuguesa, espaço sintático, morfologia, morfossintaxe.

ABSTRACT

In this text we analyze some similarities and differences between sign languages and oral languages, starting from some recent research. We intend to show that Portuguese Sign Language (LGP) is a natural language in which the combination of the units of the system (the kereme, the sign and the sentence) is carried out by articulating processes of linearity and simultaneity, in a syntactic space with many morphosyntactic, textual and pragmatic potentialities. We will mainly analyze morphological and morphosyntactic areas, related to different types of verbs, their properties and values.

KEY-WORDS

sign languages, Portuguese Sign Language, syntactic space, morphology, morphosyntax.

¹ Parte deste texto resulta da apresentação realizada pelas autoras no *Dia Internacional da Língua Materna*, um evento organizado pelo Gabinete para a Promoção da Língua Portuguesa, na Reitoria da U. Porto, no dia 21 de fevereiro de 2020. Agrademos ao Prof. João Veloso o convite.

Oferecemos este texto à Professora Maria da Graça Pinto como modesta homenagem a todo o seu labor como investigadora e docente durante mais de quarenta anos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

“Na verdade, já em 1981, em Bloomington, Scott Liddell me mostrava como os “signs” se desmembravam e como era possível – pelo menos era assim que eu o entendia – reencontrar os membros resultantes desse desmembramento noutros “signs” do sistema visuogestual em questão, porventura com tonalidades diversas, à semelhança do que se passa, em função dos contextos, no sistema linguístico.”

Pinto, M. G. (2009, p.28)

1- Das línguas gestuais como línguas naturais

Todas as línguas naturais, isto é, todos os sistemas linguísticos produzidos pela espécie humana, têm funções paralelas: se tomarmos o clássico texto de 1985 de Halliday como ponto de partida, percebemos que as línguas têm uma função ideacional, pela qual exprimem situações, entidades e propriedades dessas entidades, cumprem uma função interacional, pois através delas podemos interagir com outros, e uma função textual, pois podemos construir unidades coesas, textos, de tamanho menor ou maior, por vezes, simples saudações.

Por outro lado, todas as línguas do mundo têm unidades de natureza semelhante e que se organizam de diversas maneiras: nas línguas orais há unidades mínimas materiais, os sons, sem significado, há unidades mínimas com significado, os morfemas, que constituem ou palavras simples ou se unem em palavras complexas; com palavras podemos construir frases, que se unem em textos e discursos. Assim, todas as línguas têm léxico e têm gramática, com várias subcomponentes ou áreas.

E as línguas de sinais ou línguas gestuais²? As línguas gestuais são apenas

² Conscientes de uma simultaneidade dos termos e grande debate em torno da designação das línguas manuomotoras e visuoespaciais, não entraremos nessa discussão concetual e teórica e utilizaremos o termo “gestual” para designar estas línguas, no geral, e a Língua Gestual Portuguesa, em particular, uma vez que este foi o termo adotado pela Comunidade Surda e utilizado nos documentos normativos e na Constituição da República Portuguesa.

No entanto, esta designação não é isenta de problemas e vários autores têm chamado a atenção para a superioridade do termo “língua de sinais” em comparação com o termo “língua gestual”. Como escreve a Prof. Graça Pinto, “se nos circunscrevermos à língua inglesa, terei de chamar a atenção para o facto de “sign” não ser sobreponível ao termo “gesture”. De facto, “sign” tanto transporta em si uma carga estrutural que não se verifica em “gesture” (...) como comporta em si, por consequência, um estatuto linguístico que não poderá ser atribuído ao segundo termo, cujo estatuto será de preferência paralinguístico. O termo “gesture” remeter-nos-á para os movimentos corporais usados pelos falantes surdos a acompanhar o seu discurso oral, podendo ser objeto de uma abordagem semiótica.” (Pinto, 2009, p. 30).

mímica? As línguas gestuais são uma “extensão” das orais? As línguas gestuais são uma combinação dos gestos auxiliares que acompanham as línguas orais?

Os estudos de William Stokoe, professor na Universidade de Gallaudet e investigador da ASL (Língua Gestual Americana), e dos seus colaboradores foram, a partir de 1960, um marco muito importante no entendimento das línguas gestuais ou de sinais como possuidoras de um sistema linguístico equiparado ao das línguas orais, com unidades constituídas por significado e por significante. Stokoe considera que as grandes propriedades definidoras da linguagem humana (Hockett, 1960; Lyons, 1981; Bolinger, D. & Sears, D. A. (1981 [1968]), Chomsky, 1986, entre outros) se encontram nas línguas gestuais. William Stokoe mostrou, assim, que na ASL há signos equivalentes aos signos linguísticos das línguas orais, constituídos por significado e por significante. Este último decompõe-se em unidades menores sem sentido, os queremas, de tal modo que alguns linguistas não hesitam em falar na Fonologia das línguas gestuais, designação que pode, à primeira vista, parecer exagerada, mas que quer mostrar que os gestos nas línguas gestuais têm unidades e estrutura, à semelhança do plano fonológico das línguas orais.

Com efeito, Stokoe mostrou que há estrutura nos gestos, e que estes podem ser analisados e divididos de forma paralela ao que acontece nos signos linguísticos das línguas faladas. Desta forma, considerou que o significante de um signo gestual não é holístico, sendo composto por elementos discretos e arbitrários, equivalentes aos fonemas das línguas orais. Essas unidades, denominadas queremas pelo investigador, distribuem-se inicialmente por três categorias: Configuração da Mão (CM), Lugar de Articulação (LA) e Movimento (M). O estudo de Battison (1974) introduz e especifica o quarto parâmetro – a Orientação da Mão (OM) – e o de Liddell & Johnson (1989) assinala, definitivamente, a importância do parâmetro não manual - a Componente Não Manual (CNM) - ainda que Stokoe tivesse já mencionado a existência de elementos suprasegmentais na formação do gesto e das frases. Os elementos que integram cada um dos parâmetros articulatórios são determinados em cada língua gestual segundo o princípio do contraste distintivo (par mínimo) e fazem parte de um número limitado de unidades, marcando-se a diferença entre unidades do sistema e unidades

de variação ou aloquiremas/alovisuos (equivalentes aos alofones das línguas orais). Também para a Língua Gestual Portuguesa (LGP) existe já um inventário geral de unidades distintivas, como se pode confirmar em Amaral *et al.* (1994), e mais recentemente em Mineiro & Colaço (2010), Moita *et al.* (2011) e Pinto (2015), onde são elencadas e ilustradas as unidades mínimas distintivas integrantes dos parâmetros, principalmente das CM.

Por sua vez, o gesto é hoje visto como a unidade mínima com significado nas línguas gestuais, equivalente ao morfema. O significado não se encontra especificamente num dos cinco parâmetros isoladamente (CM, LA, M, OM, CNM) ou na combinação de apenas dois, mas sim na articulação simultânea das várias unidades. A simultaneidade verificada na produção do gesto, além das modalidades de produção e de receção, é a única propriedade que o distingue da produção linear do morfema das línguas faladas (cf., e.o., Liddell, 2003), dado que a arbitrariedade, a dupla articulação, o carácter discreto, a semânticidade e a produtividade definem ambos os tipos de línguas e permitem afirmá-las como manifestação de linguagem (Hockett, 1960, Lyons, 1981, para as línguas orais, e Johnston & Schembri, 2007, para uma reflexão sobre a adequação daquelas propriedades às línguas gestuais).

As unidades mínimas e as suas formas de combinação são produzidas no espaço à frente do gestuante, com toque ou não no seu corpo, sendo as mãos e os braços os órgãos mais móveis do aparelho articulatório gestual que as realizam. Os gestos podem ser realizados por uma só mão, a mão dominante, ou por ambas as mãos, a dominante e a não dominante (cf. Klima & Bellugi, 1979, para a descrição do subparâmetro número de mãos).

Em particular, Stokoe (1960) reconheceu que as LG naturais são sistemas linguísticos autónomos, estruturados independentemente das línguas orais; são compostos por signos gestuais que são equivalentes aos signos linguísticos sonoros; tais sinais não são holísticos e são divisíveis em unidades, isto é, há um carácter discreto das unidades que se podem combinar (numa organização equivalente à dupla articulação); e, se há signos icónicos, que se assemelham na forma a objetos e suas propriedades do mundo real, muitos são arbitrários, sabendo-se hoje que, em muitas das línguas gestuais, há um caminho crescente da iconicidade para a arbitrariedade ao mesmo tempo que as línguas se vão desenvolvendo e mais indivíduos as conhecem e dominam (vejam-se, sobre a língua gestual emergente de São Tomé e

Príncipe, Mineiro & Carmo, 2016, e Mineiro 2020).

Além disso, as línguas gestuais estão sujeitas a variação e a mudança como qualquer língua oral. Assim, a LGP, tal como todas as Línguas Naturais, apresenta evolução e variação no tempo e no espaço. A variação diacrónica, motivada pela variável *tempo*, na LGP é, em muitas das situações, desencadeada pela evolução das tecnologias e da conceção do mundo moderno, tal como se pode constatar em qualquer outra língua. As áreas dos transportes, das tecnologias de comunicação e imagem, as cores, os números e os alimentos são áreas em que se verificam muitas evoluções e variações, sejam lexicais, sejam fonológicas / querológicas ou morfossintáticas. Ao nível lexical, por exemplo, na área dos transportes, o gesto de COMBOIO conheceu já, pelo menos, quatro gestos, representando as fases de evolução do comboio. Ao nível sincrónico, a variação dialetal, motivada pela variável região dos falantes / gestuantes, ocorre, grandemente, no léxico das áreas de relações familiares e interpessoais, cores, animais, alimentos, objetos de profissões. No que se refere aos gestos de relações familiares e interpessoais, são exemplos de variação entre as regiões do Porto e de Lisboa gestos de nomes como TIO, SOBRINHO, CUNHADO, AMIGO, NAMORADO, entre outros (Choupina & Pinto, 2017). Também têm sido notados socioletos e idioletos na LGP, surgindo no seio de famílias e grupos restritos de amigos, que vão constituindo subcomunidades linguísticas no âmbito da Comunidade Surda. Os gestos que variam de pessoa para pessoa, num ou mais parâmetros / traços formacionais do mesmo gesto correspondem ao que Choupina & Pinto (2017) denominam de *alquires* ou *alovisuos* (equivalentes a afolones); constituem desvios que se vão, por vezes, instalando na língua, primeiro entre pares, depois entre pequenos grupos, como são exemplo os gestos de LISBOA e AZUL, com maior ou menor grau de flexão dos dedos passivos na formação da Configuração L e B³, respetivamente. Choupina & Pinto (2017) definem como critérios para a variação que conduz ao *alquire* / *alovisuo*, nas Configuração da Mão, o grau de (semi)flexão dos dedos; a presença/ausência de contacto; a seleção, a posição e o número de dedos.

Mas há também diferenças entre línguas orais e gestuais, tanto na

³ 'L' é a Configuração da Mão no gesto Lisboa e 'B' é a Configuração da Mão no gesto de Azul.

produção/receção como na natureza das unidades. Nas línguas orais⁴ e no que diz respeito à produção, contribui todo o aparelho fonador, as cordas vocais, as cavidades faríngea e rinofaríngea, a cavidade oral e labial e os órgãos articuladores da zona de articulação. Na receção, atua o sistema auditivo. E tudo isto determina a sua natureza de línguas orais-auditivas. Nas Línguas Gestuais, a produção é manuomotora e visuoespacial, intervindo mãos e braços; tronco; cabeça e órgãos que a integram, como nariz, orelhas, olhos, sobrancelhas e boca, entre outros; assim como o denominado espaço neutro, que é um subespaço do espaço de enunciação⁵ e que fisicamente inclui os pontos possíveis de articulação do gesto que não sejam ancorados no corpo do gestuante. A receção é apenas desempenhada pelo sistema visual, que permite a captação em todo o espaço da enunciação, construindo em função da situação de comunicação. Assim, as línguas gestuais são manuomotoras e visuoespaciais.

Tudo isto tem uma consequência importante: se os signos sonoros têm uma parte significativa constituída por fones/fonemas e se estes são unidades mínimas produzidas em sequencialidade temporal (Saussure 1916), os signos gestuais, constituídos por diferentes visuos/queremas são unidades mínimas produzidas em simultaneidade temporal, pois, ao mesmo tempo, podem atuar unidades de Configuração da Mão (CM), Movimento (M), Ponto de articulação (P), Orientação da Mão (OM) e Componentes Não Manuais⁶ (CNM).

E o que se passa do ponto de vista da aquisição e da aprendizagem? Serão os indivíduos surdos/Surdos⁷ deficientes auditivos que têm dificuldade em

⁴ O termo "oral", tradicionalmente utilizado nos estudos linguísticos, designa qualquer língua em que se utilizam os órgãos do aparelho fonador para produzir os sons da fala, enquanto unidades mínimas das línguas orais. Em contraste, "gestual" designa, no nosso texto, uma língua manuomotora e visuoespacial que se serve de órgãos móveis como mãos e braços para, em conjunto com outros órgãos (que não os do aparelho fonador), produzir os gestos da comunicação gestual.

⁵ O espaço de enunciação, numa língua gestual, define o espaço de articulação, sendo "uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados" (Quadros & Karnopp, 2004, p.57). Assim, o espaço de enunciação é o espaço de realização dos gestos, que integra as quatro áreas principais de articulação: cabeça, mãos, tronco, braço e espaço neutro.

⁶ Uma questão central em debate é a relação existente entre os movimentos das mãos e dos braços e as componentes não manuais (CNM), como os movimentos dos olhos, da boca e certos movimentos do corpo. Pfau (2016) defende que as CNM, por si denominadas de marcadores não manuais (MNM), têm um papel suprasegmental, sendo capazes de se espalhar em domínios de tamanho variado e tendo um papel semelhante aos tons das línguas tonais.

⁷ Distinguiremos as concepções de "surdo" e "Surdo" com base em Reagan (1990) e Liddell (2003), na linha da distinção criada pelo sociolinguista James Woodward (1972) e adotada mundialmente pelas comunidades surdas, considerando, assim, que "ser Surdo" é uma identidade cultural e socialmente determinada e os critérios (ou condições) para um indivíduo ser considerado "Surdo" passam a ser radicalmente diferentes para o mundo ouvinte

aprender línguas e, como tal, em desenvolver a linguagem? Os surdos/Surdos são seres humanos que têm uma dificuldade total ou parcial de ouvir sons, mas isso, por si só, não os faz incapazes de adquirir línguas e de desenvolver linguagem. Se as línguas gestuais forem adquiridas espontaneamente e se os falantes estiverem em contacto com elas em idade precoce, então temos um processo de aquisição tão natural como a aquisição de qualquer língua oral e a língua gestual será a Língua Materna (LM) ou a primeira língua (L1) do Surdo ou do ouvinte que esteja em contacto com essa língua. Dizemos LM ou L1 porque secundamos o entendimento que a professora Graça Pinto tem atribuído aos diferentes graus de surdez e de contextos de desenvolvimento da linguagem e de aquisição de uma língua gestual. Neste sentido, Pinto (2009), no âmbito da abordagem do desenvolvimento da linguagem por meio de uma língua gestual por surdos profundos, refere sempre o termo primeira língua (L1), e não Língua Materna, “por não considerar que haja coincidência entre as duas. A língua gestual será, para além de primeira, também materna quando os pais da criança surda que a está a adquirir também são profundos e usam a língua gestual como primeira língua e como língua privilegiada de comunicação com o filho surdo” (p. 34, nota de rodapé n.º 18). No entanto, se os falantes / gestuantes surdos / Surdos apenas adquirirem o conhecimento de uma língua gestual pelo estudo ou por um contacto com a língua muito tardio, essa língua gestual será aprendida como Língua Segunda (L2) ou Língua Estrangeira (LE), tal como acontece com as línguas orais.⁸

Sendo assim, deve dizer-se que, independentemente de o processo de aprendizagem e desenvolvimento da língua ser mais ou menos espontâneo para um determinado indivíduo ou grupo de indivíduos (LM, L1, L2) e do conhecimento ou domínio que cada um tem de uma

ou surdo” (Reagan, 1990, p. 74). Então, o termo “Surdo” com letra maiúscula designa aqueles indivíduos que se identificam com uma comunidade linguística e cultural que usa uma língua gestual, enquanto o termo “surdo” com letra minúscula se usa para designar aqueles indivíduos que audiologicamente são surdos e que não se integram numa comunidade linguística e cultural especificamente gestuante.

⁸ Como é sabido, e como a Prof. Graça Pinto refere no texto *No princípio era a comunicação*, é diferente a situação de um bebé filho de pais surdos e de um bebé filho de pais ouvintes. No primeiro caso e se a surdez for detetada precocemente, “a sua forma mais natural de comunicar passa por um sistema não audiovocal mas sim visuogestual”. No segundo caso, “caberá aos pais tomar consciência com prontidão de que a língua natural do seu filho não coincide com a deles” (Pinto, 2009, p. 35). A proposta da investigadora é a da criação de condições para o bilinguismo, mesmo que neste caso não possa ter-se uma “leitura forte do bilinguismo.” (loc. cit., p. 36). Entende-se por “leitura forte de bilinguismo” aquela que apresenta o indivíduo bilingue como detentor de “duas competências linguísticas isoladas e separadas, i.e., corresponderia a dois monolíngues numa única pessoa” (Pinto, 2009, p. 36, nota de rodapé n.º 20).

determinada língua, assim como do estatuto sociopolítico que ela tem na sociedade (Língua Minoritária, Língua Maioritária, Língua Oficial), ao nível linguístico, entende-se por Língua Natural qualquer língua que se adquire e desenvolve espontaneamente por indivíduos que com ela contactem, independentemente da modalidade da língua (manuomotora/visuoespacial ou oral/auditiva) e da comunidade linguística em que se adquire/aprende. É natural, porque de aquisição espontânea e natural por algum(ns) ser(es) humano(s). Também Sim-Sim (2005) define Língua Natural como um “sistema linguístico usado por uma comunidade e que constitui uma realização particular da capacidade humana para a linguagem” (p.18). Uma língua não é natural porque biologicamente seja mais possível ou menos possível de adquirir. Uma Língua, como resultado da faculdade da Linguagem Humana, é uma Língua Natural por si e sê-lo-á sempre, independentemente de uma pessoa ou grupo de pessoas a poder(em) ter como LM, L1, L2 ou LE.

Esta distinção entre LM, L1 e L2 e LE tem imensas repercussões a nível da aquisição, da aprendizagem e da educação; mas uma coisa é certa, tal aquisição / aprendizagem não depende da(s) língua(s) oral(is) com a(s) qual(is)a língua gestual coabita, além de que cada Comunidade Surda pode ter a sua própria língua. No entanto, esta terá o estatuto sociopolítico que a sociedade envolvente lhe quiser atribuir. Desta forma, qualquer língua falada de maneira permanente por uma comunidade linguística é uma Língua Nacional do país a que essa comunidade pertence, sendo ou não reconhecida como uma Língua Oficial no país em que a comunidade está inserida socialmente.

Embora ainda persista atualmente algum desconhecimento sobre estas questões, pelo menos desde a década de 60 e 70 do século XX diversos investigadores, oriundos da Neurolinguística, da Psicolinguística, da Aquisição da Linguagem e da Linguística Descritiva concordam que, quer a nível da organização neurológica, da aquisição e do processamento, quer a nível do grau de complexidade, as línguas gestuais ou línguas de sinais são línguas naturais.

É precisamente a referência a alguns aspetos da organização das línguas gestuais e da LGP em particular o objetivo dos pontos seguintes, nomeadamente nos planos morfológico e morfossintático.

2- Plano morfológico

A LGP, tal como outras línguas gestuais, possui várias classes de palavras: classes lexicais (nomes, verbos, advérbios, adjetivos); classificadores verbais, nominais e atributivos e classes funcionais, como conjunções, pronomes; e tem, igualmente, processos de formação de novas palavras de vários tipos⁹: processos morfológicos e morfossintáticos, processos léxico-semânticos e processos irregulares e de criatividade.

Quanto aos processos morfológicos e morfossintáticos, consideram-se, tal como para as Línguas Orais, processos de derivação, de modificação e de composição. A derivação permite, tal como já apontado por Amaral, Coutinho & Delgado-Martins (1994), grande produtividade de “estruturas de derivados das categorias verbo /nome em LGP” (p. 110). Alguns dos recursos utilizados para a derivação têm sido notados nesta língua, como sejam o redobro (FELIZ/FELICIDADE)¹⁰, a repetição rápida com incorporação de expressão (COMER/COMILÃO; COMUNICAR/COMUNICATIVO), repetição de movimento (PERFUME/PERFUMAR) ou repetição com maior amplitude de movimento (BARCO/ANDAR DE BARCO)¹¹, a adição ou subtração de parâmetro (TELEFONE/TELEFONAR; FOTOGRAFAR/FOTÓGRAFO) e a alteração de parâmetro formacional com adição ou não de expressão (SONHAR/SONHADOR; FALAR/FALADOR). Também têm sido detetados na LGP, como Quadros & Karnopp (2004) reportam para a LIBRAS, pares de gestos formados por derivação imprópria (na LGP, BEBÉ/EMBALAR; PORTUGAL/PORTUGUÊS; LER/LEITURA). No que se pode considerar de modificação, é muito frequente a adição de CNM à raiz do gesto, como acontece para expressar o grau superlativo em adjetivos, por exemplo INTELIGENTE/MUITO INTELIGENTE, em que a intensidade da propriedade expressa pelo adjetivo é dada pela expressão que se adiciona ao gesto: cerrar das sobrancelhas e dos olhos e projetar os lábios com ligeiro sopro. Quanto aos compostos, já Amaral, Coutinho & Delgado-Martins (1994) descreveram fenómenos de aglutinação (CARNÍVORO e MUSEU) e

⁹ Vários usuários e estudiosos da LGP têm notado a existência de processos diversificados usados para formar novos gestos ou palavras, entre eles Amaral, Coutinho & Delgado-Martins (1994), Mineiro & Duarte (2007), Nascimento & Correia (2011) e Correia (2014).

¹⁰ Todos os gestos dados como exemplo nesta secção podem ser visualizados no dicionário online *Spread the Sign*.

¹¹ Amaral, Coutinho e Delgado-Martins, 1994, p.110; Correia, 2014, p. 166.

de justaposição (BOM-DIA e BOA-TARDE) na formação de gestos compostos (pp.113-115), tal como, em termos de propriedades fonológicas, à data se descreviam as palavras compostas em Português. No entanto, em estudos mais recentes, os compostos são descritos quanto às suas propriedades morfosintáticas, sendo classificados como compostos morfológicos e compostos morfosintáticos, à semelhança dos estudos para o Português (Villalva, 2003; Rio-Torto, 2006): CABANA e MORADIA para os compostos morfológicos; JARDIM e COMIDA para os compostos morfosintáticos em LGP (Choupina, Alves & Pinto, 2018).

Alguns dos processos muito característicos das Línguas Gestuais são incluídos nos chamados processos léxico-semânticos, também registados em estádios precoces de desenvolvimento de uma língua gestual (cf. Mineiro & Carmo, 2016). Tais processos podem incluir, entre outros: representação gestual da forma global do objeto (BOLA e MOLDURA sem movimento típico e JOANINHA e BORBOLETA com movimento típico do referente); metonímia e sinédoque com e sem movimento típico (VACA, MENINO e MENINA sem movimento típico e COELHO e PÁSSARO com movimento típico do referente); representação icónica de ação em nomes deverbais (LIVRO, BARCO, CASACO, VASSOURA, ÁGUA, ESCRITA); representação deíctica (NARIZ, CABEÇA, NORTE, SUL).

Como todas as línguas naturais, a LGP apresenta, igualmente, vários gestos formados por processos criativos e irregulares. Ainda que grande parte destes gestos sejam formados por datilologia¹² (total, parcial, de inicialização e sigla), também os processos de truncção (JUNHO e JULHO); amálgama (DEZ); e empréstimo ou estrangeirismo (GLOSA, STRESSE) são comuns.

Tudo isto é realizado usando o espaço sintático, os parâmetros manuais e as componentes não-manuais, que permitem formar novas palavras / gestos, assim como expressar categorias diversificadas, como o sexo do indivíduo, a quantidade, o Número e a Pessoa dos participantes do discurso; as marcações de Tempo e de Aspeto verbal e as concordâncias no verbo.

A título de ilustração vamos referir aqui apenas a categoria quantidade, na sua relação com o número. Do contacto que fomos tendo com a LGP,

¹²A datilologia pode definir-se, de um modo geral, como “um conjunto de gestos criados pelas línguas gestuais para representar as letras do sistema gráfico”, não sendo um “substituto da língua gestual, pois expressa apenas a forma escrita das letras de uma ou várias palavras” (Amaral, Coutinho & Martins-Delgado, 1994, p. 115).

quer em formações específicas, quer no convívio com gestuantes nativos, fomos percebendo que esta língua apresenta semelhanças com o que se verifica em algumas línguas orais em contacto com o Português, como sejam o Tétum e o Caboverdiano de Santiago (cf. Choupina, 2017, para uma perspetiva comparada da expressão da quantidade e das categorias de sexo dos referentes animados). Nestas línguas, tal como na LGP, não há qualquer marcação de número formal (Corbett, 2004), sendo que não há evidências de concordância morfossintática em número. Vejam-se, para a LGP, os exemplos em (1), retirados do dicionário *Spread the Sign*:

- (1) a) AMIGO ^{__som 'fff'} _{prolongamento de toque} MEU ^{_____s e oc; ba;mc} FESTEJAR ¹³ _{repetição com amplitude}
amigo amigo meu festejar festejar festejar
'os meus amigos estão a festejar'
- b) FÉRIAS MEU ^{__som 'fff'} TRÊS ^{movimento progressivo do 1 ao 3} ¹⁴ mês
férias meu daqui a três mês
'as minhas férias são daqui a três meses'

Nestes exemplos, não há concordância morfossintática em número. Há, porém, a expressão da quantidade, definida e indefinida, que parece ser comunicada apenas uma vez no discurso. Na frase 1a), o prolongamento do toque no gesto AMIGO parece apresentar-se para expressar a quantidade indefinida plural; e na frase 1b) o quantificador numeral TRÊS expressa a quantidade definida no âmbito do sintagma 'daqui a três meses', sendo que não provoca qualquer variação no nome MÊS. A ser assim, encontramos marcas manuais (em 1b) e marcas não manuais (em 1a) de expressão da quantidade. Choupina (2017), ainda que refira ser necessário continuar a investigação, conclui que o nome não apresenta a categoria número formal e, como tal, não há obrigatoriedade de concordância dentro do SN, nem entre sintagmas da frase, contrariamente ao verificado no Português¹⁵.

¹³ Sobrancelhas e olhos cerrados; boca aberta, com movimento de cabeça e do corpo para o lado não dominante.

¹⁴ O quantificador TRÊS é produzido com movimento lento de progressão, em que é marcado 1 e 2 e 3 apenas no final, podendo estar a expressar a ideia de que ainda faltam três meses para a chegada das férias.

¹⁵ Esta característica da LGP reflete-se na escrita dos surdos em Português escrito, onde se notam muitas ausências

Quanto à expressão da quantidade por marcas manuais, podemos ter vários processos (Amaral, Coutinho & Delgado-Martins, 1994; Bettencourt 2015; Choupina, 2017), tais como: i) adição, a seguir ao nome, de quantificador universal (ALUNOS-TODOS), indefinido (ALUNOS-ALGUNS), ou numeral (FILHO-DOIS; LIVROS-QUATRO); ii) repetição do movimento (ÁRVORES; PRATOS); repetição parcial do gesto (CRIANÇAS); ii) redobro total (GOLFINHOS) ou parcial (PESSOAS), entre outros.

3- Morfossintaxe

Como se organiza o plano morfossintático / sintático de uma língua gestual? Nas línguas orais, a questão das fronteiras entre áreas é uma questão central, defendendo muitas teorias a centralidade da sintaxe na arquitetura da gramática. Nas línguas gestuais, há uma íntima relação entre a forma dos gestos e a forma das frases, pelo que parece legítimo falar em morfossintaxe. Com efeito, a expressão de unidades maiores do que o gesto de uma LG inclui os gestuantes, todos os seus movimentos e todo o espaço sintático, não havendo uma distinção tão clara entre as áreas da gramática como nas línguas orais.

A importância do espaço sintático está bem visível na expressão da referência e dos pronomes. De facto, o espaço sintático é todo o espaço em frente ao gestuante definido como “o espaço de referência onde se organizam as relações morfológicas e sintáticas” (Amaral, Coutinho & Delgado-Martins, 1994, p. 122), autorizando a marcação de índices (usando “locus”¹⁶), que permitem introduzir referentes e estabelecer as relações sintáticas entre eles. Assim, quando o interlocutor está presente, o gestuante aponta diretamente para ele; quando ele sair ou não estiver presente, o espaço antes ocupado por ele passa a funcionar como “locus” ou é estabelecido um ponto convencional para a sua localização, tendo em conta as regras de gestão do espaço.

de concordância de número (e também de género).

¹⁶ A noção de “locus” é introduzida por Liddell & Johnson (1990): “o termo “locus” refere um ponto no corpo ou no espaço de sinalização que assume uma função articulatória” (Liddell & Johnson, 1990, p. 176, citado por Amaral, Coutinho & Delgado-Martins, 1994, p. 122).

3.1. Referenciação e pronomes ¹⁷

As línguas orais usam expressões linguísticas – os pronomes - e também gestos para exprimir as pessoas do discurso. As línguas gestuais, por sua vez, usam gestos e apontações e, por isso, uma questão importante é saber se os pronomes usados nas línguas gestuais são do mesmo tipo e desempenham as mesmas funções que os pronomes das línguas orais.

Do ponto de vista da referencialidade, existem diversos mecanismos para estabelecer os referentes no espaço nas LG (cf., e.o., Baker & Cokely, 1980), com retoma ou não no discurso:

- i) usar um pronome pessoal antes de um gesto de um referente (IX3ps M-A-R-I-A...);
- ii) apontar para um referente numa localização específica do espaço do gestuante;
- iii) fazer um gesto numa localização específica;
- iv) direcionar a cabeça e os olhos (e por vezes o corpo) em direção a uma localização específica do espaço do gestuante, fazendo, simultaneamente, o gesto de um referente, ou apontando para o referente ou, ainda, realizando o evento em que ele participa;
- v) usar um verbo com movimento direcional quando o referente está presente, ou quando já foi inserido um *locus* previamente (Locus Referencial ou Índice, retoma por anáfora nula ou por pronome).

E na LGP? A LGP dispõe, no que aos pronomes pessoais independentes diz respeito, de um sistema de três pessoas: a primeira pessoa do singular (1.^a) é realizada no corpo do gestuante; a segunda pessoa (2.^a) é realizada num ponto específico na direção do interlocutor, determinado pelo contacto do olhar com o interlocutor real ou marcado discursivamente num ponto específico em frente ao gestuante, podendo também ser realizada no corpo do gestuante se este desempenhar estrategicamente e por meio de movimento as várias pessoas do discurso (numa posição de *âncora*, muito frequente em estruturas narrativas ou, simplesmente, dialógicas, com referentes humanos ausentes ou não humanos personificados); a terceira pessoa (3.^a) é marcada

¹⁷ Este ponto é baseado em Morgado & Brito (2019).

num ponto de um dos lados do espaço sintático do gestuante, direito ou esquerdo; ou no corpo do gestuante, tal como acontece com a primeira pessoa, quando se trata de um gestuante com função de narrador.

Vejam, através das Figuras 1 e 2, como a LGP realiza, em geral, as pessoas do discurso.

Figura 1- Pronomes pessoais fortes para as três pessoas no singular em LGP (fonte: Spread the Sign)



1.^a ps EU / A MIM 2.^a ps TU / A TI 3.^a ps ELE / A ELE 3.^a ps ELA / A ELA

Figura 2- Pronomes pessoais fortes para as três pessoas no plural em LGP (fonte: Spread the Sign)



1.^a pp NÓS 2.^a pp VÓS

3.^a pp ELES/A ELES

3.^a pp ELAS / A ELAS

Assim, vemos que a 1.^a pessoa aponta para o gestuante, a segunda aponta para um ponto em frente ao gestuante e a terceira pessoa apresenta infinitas possibilidades de localização dentro dos limites laterais do espaço sintático e segundo as restrições do seu uso e gestão. Os exemplos em LGP mostram que esta língua gestual possui formas que são pronomes, estabelecidos a partir de uma relação íntima entre um ponto discreto no espaço sintático e o gesto de apontar para esse ponto. Assim, alguns gestos e as apontações das línguas gestuais, e da LGP em particular, têm uma função identificadora, aproximando-se, por isso, dos pronomes das línguas orais e dos gestos dos falantes das línguas orais (Morgado & Brito, 2019).

Sabemos, contudo, que é no que diz respeito à estrutura paradigmática e à distribuição sintática dos pronomes que as LG mais se distinguem das línguas orais, uma ideia já desenvolvida por Cormier, Schembri & Woll (2013). Por essa razão, a partir de um breve estudo exploratório de dados extraídos do dicionário gestual multilíngue *Spread the Sign* (<https://www.spreadthesign.com/pt/>), Morgado & Brito (2019) mostraram algumas propriedades distribucionais dos pronomes em LGP; assim, os dados apontam que a LGP é uma língua de sujeitos tendencialmente realizados em frases afirmativas e que contém pronomes fortes e fracos, altamente dependentes quer da posição sintática quer do tipo sintático de verbo: com verbos simples, a realização pronominal ocorre com pronomes independentes do verbo e fortes, quando défíticos; e, quando anafóricos, realizam-se pronomes independentes, tendencialmente fracos; com verbos de concordância, o tipo de movimento morfossintático do verbo e o uso do espaço sintático a ele associado permitiram concluir que há realização de pronomes dependentes e fracos.

- (2) IX_{3ps} FERIDO GRAVE
3.^a ferida grave
'ele está gravemente ferido'
- (3) IX_{2ps} GRIPE
2.^a gripe
'[-]/tu estás com gripe'
- (4) COR ARCO-ÍRIS IX_{1ps} ADORAR
cor arco-íris 1.^a adorar
'eu adoro as cores do arco-íris'
- (5) IX_{2ps} / IX_{1ps} ACREDITAR NÃO
2.^a / 1.^a acreditar não
'[-]/eu não acredito em ti'
- (6) AULA_{rep} IX_{3ps} FALA MUITO
aula 3.^a fala muito
'ele fala muito nas aulas'

Esta análise dos pronomes pessoais (exemplos 2 a 6) aponta para uma gramática da LGP altamente subsidiária do uso do espaço sintático, do movimento e das suas funções, assim como dos tipos de verbos (Morgado & Brito, 2019, pp. 76 e ss.).

3.2. Tipos de verbos

Torna-se, assim, necessário analisar com algum detalhe a questão das classes de verbos e o seu papel na predicação. Numa língua de sinais, como na LGP, uma predicação integra os participantes e a situação; pode constituir-se por gestos com toque no corpo do gestuante, entre a cintura e o cimo da cabeça (CC), estendendo-se a alguns centímetros de cada lado do corpo; pode terminar com uma marca prosódica ou apenas com breves / longas pausas; e produz-se num espaço sintático. Por essa razão, a modalidade manual das línguas gestuais e a disponibilidade de um espaço tridimensional proporcionam um conjunto de mecanismos sintáticos muito diferentes dos que estão presentes nas línguas orais (Marchesi, 1987, p. 110). Assim, uma frase constitui uma série de atividades corporais linguisticamente significativas precedidas e seguidas por atividades corporais não linguísticas (Marchesi, 1987, p. 110). De entre essas atividades linguisticamente significativas há que referir a existência de nomes e de verbos. Nomes e verbos parecem ser categorias universais tanto nas línguas orais como nas línguas de sinais.

O verbo, a par do nome, é uma categoria lexical central nos discursos em todas as línguas gestuais. Como classe de palavras nuclear no predicado, os verbos apresentam diferentes realizações nos planos fonológico, morfossintático e semântico, associadas ao espaço sintático (Meir & Sandler, 2008). Segundo Padden (1988, 1990), para a ASL, os verbos das línguas gestuais podem ser agrupados em três subclasses sintáticas básicas e tal proposta parece ser aplicável a outras línguas: verbos simples (na LGP, SONHAR, PERCEBER, AMAR), verbos de concordância (na LGP, DAR, OFERECER, CORTAR) e verbos espaciais (na LGP, PÔR, COLOCAR, LEVAR)¹⁸.

¹⁸ Faria et al. (2001, p. 94), em análise dos verbos de movimento da LGP, denominam estes três grupos como *predicados simples*, *predicados de concordância* e *predicados de movimento ou de espaço*, dado que a noção de predicado pode dar conta, com mais flexibilidade, da incorporação das alterações de movimento e da introdução das componentes não manuais.

Os verbos simples não realizam qualquer concordância, sendo invariáveis na sua realização fonomorfo-sintática, como nos exemplos (7) e (8)¹⁹.

(7) IX_{1ps} SENTIR [-] BEM
'eu sinto-me bem'

(8) AMOR IX_{2ps}
'amo-te'

Os verbos de concordância e os espaciais apresentam concordância, podendo ser distinguidos pelo tipo de trajetória e pelo tipo de índices espaciais que requerem. Os primeiros apresentam uma trajetória descontínua e podem socorrer-se de índices referenciais, expressando diversos tipos de concordância (sintática e/ou semântica), como nos exemplos (9) a (11), e os segundos criam uma trajetória contínua e usam índices locativos (os chamados afixos locativos), como os apresentados no exemplo (12).

(9) OLÁ AJUDAR_{movimento para IX2ps}
'olá, posso ajudá-lo?'

——olhar direcionado para IX2ps
(10) OPORTUNIDADE UM DAR_{movimento para IX1ps}
'dá-me uma nova oportunidade'

(11) TELEFONAR_{movimento para IX1ps} LOGO
'telefona-me mais tarde'

Os verbos espaciais (*spatial verbs*) constituem uma classe de verbos sem flexão em pessoa, número e aspeto, mas que aceitam afixos locativos, *Locus* espaciais inseridos no espaço sintático (como, por exemplo, os verbos PÔR, LEVAR, IR e VIR, em LGP).

¹⁹ Os exemplos foram extraídos do dicionário gestual multilingue *Spread the Sign* <https://www.spreadthesign.com/pt/>

- (12) AEROPORTO IX_{lugar-i} / IX_{1ps} LEVAR_{movimento direcional de IX1ps para IXlugar-i}
'eu levo-te para o aeroporto'

Esta necessidade de abordagem da totalidade do predicado, em detrimento do item lexical verbal isolado, aliada a outras propriedades das línguas gestuais, decorrentes da modalidade da língua, permite-nos analisar predicados cujas componentes apresentam realização simultânea, como acontece, não raras vezes, na realização do verbo e do objeto em frases com verbos de ingestão (como COMER e BEBER), verbos de atividade (como ABRIR, CORTAR, ANDAR), verbos de transferência de posse (DAR e OFERECER), entre outros. Para uma análise dos verbos de ingestão consulte-se Choupina *et al.* (2016).

Aliado à problemática da classificação do verbo e das propriedades dos predicados, outros aspetos parecem centrais na morfossintaxe das línguas gestuais - a questão da ordem de palavras, ou talvez melhor, da ordem de constituintes (como Leeson & Saeed, 2012, justificam) e da relação entre a ordem e as formas de concordância tão particulares nestas línguas.

No âmbito desta discussão, Bettencourt (2015) quis perceber se existiria uma ordem de constituintes na LGP e, a existir, quais seriam os fenómenos sintáticos que justificavam uma aparente flexibilidade nas produções de alguns gestuantes. No seu estudo, detetou diversas razões sintáticas que podem estar a autorizar ordens diferentes daquela que se considera ser a ordem básica de uma frase simples declarativa em LGP, a ordem SVO.

Tal como as línguas orais, as línguas gestuais parecem obedecer a ordens básicas, mas estão sujeitas a alterações de ordem devido a fenómenos discursivos, como é o caso de tópicos marcados, das construções de pergunta-resposta, das construções de mininarrativas, do uso do espaço sintático para descrever as relações gramaticais entre os argumentos, ou as estratégias de incorporação do Objeto no Verbo, tanto através do uso de classificadores como do movimento. Choupina, Brito e Bettencourt continuaram os estudos sobre a morfossintaxe da LGP e procuraram mostrar que a ordem básica nas construções ditransitivas em é V OD OI, como nos exemplos (13) a (15), extraídos de Choupina, Brito & Bettencourt, 2016, p. 130) se mostra.

(13) HOMEM DAR_{cl} FLOR MULHER
'o homem dá uma flor à mulher'

(14) PAI DAR LIVRO MÃE
'o pai dá um livro à mãe'

(15) PAI DAR_{cl.objeto_espalmado} LIVRO MÃE
'o pai dá um livro à mãe'

No referido estudo, mostrámos que outros processos, como a topicalização simples (16) ou a topicalização dupla (17), um movimento opcional do OI (18) e o redobro do SU (19), entre outros, podem pôr em causa este padrão básico e dar origem a outros padrões de palavras, como se exemplifica a seguir (exemplos extraídos de Choupina, Brito & Bettencourt, 2016).

OD SU V OI

(16) LIVRO PAI DAR MÃE
'o pai dá um livro à mãe'

SU OI OD V

(17) MENINA_a MENINO_b FLOR_a DAR_b
'a menina dá uma flor ao menino'

SU OI V OD

(18) MENINO_a MENINA_b DAR_a PRESENTE
'o menino dá um presente à menina'

SU OI redobro do SU V OD

(19) PAI_a MÃE_b / PAI_a DAR_b PRESENTE LIVRO
o pai dá um presente que é um livro à mãe
'o pai dá um livro à mãe'

Os exemplos apresentados colocam interessantes problemas de ordem, como aliás as línguas orais também colocam. Na verdade, se SU V OD OI (*O pai deu um livro à mãe*) parece ser o padrão básico em Português numa

construção ditransitiva, também é verdade que, por razões discursivas e de distribuição da informação, podemos exprimir o mesmo evento de transferência de posse com *dar* por meio de outras ordens de palavras, como as apresentadas em (20) a (22).

- (20) O livro, o pai deu-o à mãe.
 (21) Foi um livro que o pai deu à mãe.
 (22) À mãe, o pai deu um livro; à filha, um Iphone.

Outros tipos de verbos nos têm ocupado em termos de investigação, pelo desafio que encerram. É o caso dos verbos de direção inerente / trajetória, dado que a direção e a trajetória são também executadas no espaço sintático, sendo os pontos inicial e final do movimento extremamente importantes pelas funções semântico-sintáticas que desempenham. Assim, Bettencourt (2015) e Brito e Choupina (2018) analisaram verbos como IR, em LGP, em exemplos do tipo dos apresentados em (23) a (25), citados de Brito e Choupina (2018).

- (23) MENINA FEMININO _AVÔ DELE CASA IR^{L1(lado gestuante)→L2(espaco neutro frente gestuante)}
 ‘a menina vai a casa da avó’

- Is
 (24) AULA FIM EU CASA IR^{L1(toque no corpo)→L2(espaco neutro frente ao gestuante)}
 ‘no fim das aulas vou para casa’

- som ‘fff’
 (25) PAI MEU CARRO PORTO_{lado do gestuante (L1)} IR^{L1→L2} LISBOA_{perto do recetor (L2)}
 ‘o meu pai vai do Porto para Lisboa’

Nos exemplos apresentados, a trajetória parte de um ponto inicial (L1) e termina num ponto final (L2), independentemente do foco da frase estar na Meta (cf. 23 e 24) ou na Origem e na Meta (25), dada a natureza espacial destas línguas. Neste sentido, o verbo, na LGP, embora concentrando grande parte da informação relativa às estruturas eventiva e argumental, é muito apoiado pelo movimento de trajetória real e pelo uso que se faz dos pontos inicial e final, detendo, assim, informações semânticas equivalentes às das preposições *de*, *para* e *a* (Brito & Choupina, 2018, p. 162).

Outra classe de verbos que, além de não se encontrar estudada ainda na LGP, parece levantar questões muito específicas nas Línguas Gestuais, é a dos verbos copulativos/predicativos. Em LGP, tal como na Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS), a cópula é em geral nula, quer com predicados de indivíduo quer com predicados de estádio²⁰, como Morgado e Brito (2020) mostraram. Os exemplos a seguir apresentados, que podem ser visualizados no *Spread the Sign* <https://www.spreadthesign.com/pt/>, permitem verificar a ausência de realização de um verbo copulativo/predicativo (\emptyset cop).

(26) GALLAUDET \emptyset cop PRIMEIRO UNIVERSIDADE PESSOAS SURDO PRÓPRIO
'(Universidade de) Gallaudet foi a primeira universidade para pessoas Surdas'

(27) IX3ps \emptyset cop PADRE JÁ
'ele já foi padre.'

(28) HOMEM \emptyset cop IX3ps PARVO
'o homem é parvo'

(29) BEBÉ \emptyset cop BONITO ESTE
'o bebé é bonito'

(30) TIGRE \emptyset cop ANIMAL PERIGO
'o tigre é um animal perigoso/os tigres são animais perigosos'

Os exemplos anteriores ilustram, assim, a cópula nula com expressões nominais e adjetivais com valor de predicados de indivíduo, que corresponderiam a 'ser' em português. Em frases em que o verbo em português seria 'estar', isto é, com predicados de estádio, o predicado parece também apresentar cópula vazia, sendo apenas gestualizado o sujeito e o chamado "predicativo do sujeito", como nos exemplos de (31) a (33)²¹.

(31) BEBÉ MEDO
'o bebé está com medo'

²⁰ Sobre as noções de predicados de indivíduo e predicados de estádio ver, entre outros Cunha (2013).

²¹ Os exemplos (31) a (36) foram recolhidos no âmbito de um estudo preliminar elaborado por Choupina et al. (2015).

(32) SENHOR^JOGO CANSADO
'o atleta está cansado'

(33) J-O-A-N-A BONITA HOJE
'hoje, a Joana está bonita'

Estas ocorrências permitem-nos colocar como hipótese que, pelo menos ao nível superficial, a LGP usa frases nominais, com justaposição de dois termos, sem Verbo expresso, tal como o russo e outras línguas orais²².

Contudo, com predicativos locativos, tal não acontece, surgindo um gesto que parece ser a realização do verbo equivalente a 'estar' ou 'ficar', embora deixemos em aberto a questão de saber se tal é mesmo a realização de um verbo ou se é a extensão do gesto relacionado com o lugar:

(34) FILHO MEU DOIS ESCOLA ESTAR_{CM (Mão Aberta)}
'os meus filhos estão na escola'

(35) ONTEM CASA EU FICAR_{CM (F)} CASA
'ontem, eu fiquei em casa'

(36) ELES FICAR_{CM (F)} LISBOA
'Eles ficaram em Lisboa'

Esta diferença é importante, mostrando que em LGP há cópula nula sempre que os predicados são de indivíduo ou de estádio, e que, quando o predicativo é locativo, há expressão de um gesto que pode ser da categoria verbo. Interessante é notar que também nas línguas orais há linguistas que discutem os comportamentos híbridos dos locativos com os verbos equivalentes a *estar* e *ficar*, ao ponto de alguns autores os considerarem adjuntos e não verdadeiros predicados, como é o caso de Camacho (2012) para o Espanhol.

²² Veja-se o seguinte exemplo em Russo, sem cópula realizada (mas que não esgota os mecanismos gramaticais possíveis nesta língua): (i) Ivan veselyj (Ivan (m. sg nom) alegre (m. sg nom) O Ivan é / está alegre (cf. Karpacheva, O. 1999, p. 2).

4- Conclusões

Neste breve texto, confirmámos que as línguas gestuais são línguas naturais, com as mesmas funções que as línguas orais, tal como é assumido desde os anos sessenta do século XX.

Se as línguas gestuais forem adquiridas espontaneamente e se os falantes tiverem em contacto com elas em idade precoce, há um processo de aquisição tão natural como o da aquisição de qualquer língua oral e a língua gestual será a língua materna ou primeira língua do Surdo; porém, o que acontece muitas vezes, se os indivíduos Surdos apenas adquirirem o conhecimento de uma língua gestual pelo estudo ou por um contacto tardio, elas serão aprendidas como segunda língua ou estrangeira, e esse processo é similar ao que acontece com as línguas orais.

Também ao nível da organização do léxico e da gramática, as línguas gestuais apresentam um nível de complexidade paralelo ao das línguas orais, embora com especificidades próprias destas línguas. Mostrámos que a LGP é uma língua natural em que a combinação das unidades do sistema (o querema, o gesto e a frase) se realiza articulando processos de linearidade e de simultaneidade, num espaço sintático com múltiplas potencialidades morfossintáticas e pragmáticas. Analisámos, em particular, aspetos da Morfologia e da Morfossintaxe da LGP como forma de evidenciar a sua natureza linguística, cumprindo uma intenção manifestada pela Prof. Graça Pinto, quando escreveu: “Uma análise da língua dos surdos levada a cabo numa perspetiva científica próxima da praticada com as línguas faladas acabará assim por tornar cada vez mais notória a similaridade entre os dois tipos de línguas.” (Pinto, M.G. 2009, p. 33).

Detivemo-nos em três classes de verbos, os verbos de transferência de posse, os verbos de direção inerente e os verbos copulativos, tendo igualmente alargado o campo da investigação à referência e aos pronomes, dadas as evidentes relações de dependência que fomos verificando entre os tipos sintáticos de verbos, o espaço sintático de realização e a referenciação por meio de pronomes, índices e “locus” espaciais.

Como o estudo da morfossintaxe da LGP é um campo recente de trabalho, esperamos futuramente poder contribuir com mais dados, sempre que possível de discurso espontâneo, e análises que permitam aprofundar os resultados e apresentar uma maior diversidade de pesquisas.

REFERÊNCIAS

- Amaral, M. A.; Coutinho, A. & Martins, M. R. D. 1994. *Para uma gramática da Língua Gestual Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Baker, C. & Cokely, D. 1980 *American Sign Language. A teacher's resource text on grammar and culture*. Gallaudet University Press.
- Battison, R. 1974. Phonological deletion in American Sign Language. *Sign Language Studies*, v. 5, pp. 1-19.
- Bettencourt, M. F. 2015. *A ordem de palavras na Língua Gestual Portuguesa. Breve estudo comparativo com o Português e outras Línguas Gestuais*. Tese de Mestrado apresentada à FLUP. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/81266/2/125759.pdf>
- Bolinger, D. & Sears, D. A. 1981 [1968]. *Aspects of Language*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, Inc. 3ª Edição.
- Brito, A. M., & Choupina, C. M. 2018. Verbs of inherently directed motion in two different modality languages, European Portuguese and LGP: some typological reflections. In: A. Leal (Ed.). *Verbs, movement and prepositions*. Porto: FLUP/CLUP, 151-154. ISBN: 978-989-54104-5-3
- Camacho, J. 2012. *Ser and estar: The Individual / Stage-level Distinction and Aspectual Predication*. In Hualde, J.I., Olarrea, A. & O'Rourke, E. (Eds.) *The Handbook of Hispanic Linguistics*, Chichester: Wiley-Blackwell, 453-475.
- Chomsky, N. 1986. *O Conhecimento da Língua: sua Natureza, Origem e Uso*. Lisboa: Caminho. Tradução port. de A. Gonçalves & A. T. Alves (1994).
- Choupina, C. 2015. O género nos nomes em PE e em línguas de contacto de modalidades diferentes: natureza e processos de realização. In Ferreira, A. M. & Brasete, M.F. (Eds.), *Pelos mares da Língua Portuguesa 2* (pp. 481-499). Aveiro: UA Editora. ISBN: 978-972-789-437-6.
- Choupina, C. 2017. Aspetos estruturantes da morfossintaxe da LGP: expressão da quantidade e das categorias de sexo dos referentes animados. *Revista Leitura* 1, 58, 4 - 25. doi: 10.28998/revista20leitura.v1i58.2852.
- Choupina, C. et al. 2015. ESTAR e FICAR na Língua Gestual Portuguesa: entre verbos copulativos e verbos principais. In *1.as Jornadas de Morfossintaxe da LGP e de outras Línguas de Sinais. Livro de resumos*. 26 e 27 de novembro de 2015, Porto: FLUP e ESE. Poster.
- Choupina, C. M., Pinto, B., Fernandes, M., Costa, P., Vareiro, S., Carvalho, F., & Madureira,

- R. 2016. Aspectos da morfossintaxe dos verbos de ingestão COMER e BEBER em LGP. *Revista Sentos 12, Morfossintaxe das Línguas Gestuais*, vol. VI, 35 - 56.
- Choupina, C. & Pinto, J. 2017. Conhecimentos sobre variação linguística em diferentes áreas da língua e desenvolvimento de competências em LGP. Comunicação oral apresentada ao ICRE- International Conference on Research on Education, Porto [material não publicado].
- Choupina, C., Alves, C. & Pinto, J. 2018. Estruturas compostas em linearidade na LGP: alguns critérios de análise. Comunicação apresentada ao *II Meeting on Morphosyntax of LGP and other Sign Languages*, 8 e 9 de fevereiro de 2018. Porto: FLUP e ESE/PP.
- Choupina, C., Brito, A. M., & Bettencourt, F. 2016. Particularidades da morfossintaxe das construções ditransitivas com o verbo DAR na Língua Gestual Portuguesa. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística 2*, 117-147.
- Corbett, G. (2004). *Number*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cormier, K., S., Schembri & Woll 2013. Pronouns and pointing in sign languages. *Lingua*, disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.lingua.2013.09.010>.
- Correia, I. 2014. Morfologia Derivacional em Língua Gestual Portuguesa: Alguns exemplos. In *Exedra*, n.º 11, 159-171.
- Cunha, L. F. 2013. Aspeto. In Raposo, E. P. et al (Orgs.) *Gramática do Português*, Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. I. 585-619.
- Dicionário gestual multilingue *Spread the Sign* (<https://www.spreadthesign.com/pt/>)
- Faria, I. H. et al. 2001. Predicados de movimento em Língua Gestual Portuguesa, n.º 4. *Revista Polifonia*. Lisboa: Colibri, pp.87-98.
- Hockett, C. F. 1960. The Origin of Speech, *Scientific American* 204, pp. 88-111. Reimpresso in: Wang, W. S-Y. 1982. *Human Communication: Language and Its Psychological Bases*, Scientific American, pp. 4-12.
- Hulst, H. (1993). Units in the analysis of signs. In *Phonology 10*. Cambridge: Cambridge University. Pp. 209-241.
- Johnston, T. & Schembri, A. 2007. *Australian Sign Language: An introduction to sign language linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. 6.ª Edição, 2012.
- Karpacheva, O. (1999). The case of Russian predicate adjectives (Unpublished master's thesis), MA diss., University of Calgary, Calgary, AB, doi:10.11575/PRISM/19077, <http://hdl.handle.net/1880/25107>
- Klima, E. & Bellugi, U. 1979. *The Signs of Language*. Cambridge: Harvard University Press.
- Leeson, L. & Saeed, J. 2012. Word order. In R. Pfau, M. Steinbach e B. Woll (eds.). *Sign*

- Language: An International Book*. Berlin: Mouton De Gruyter. Pp. 245-265.
- Liddell, S. K. & Johnson, R. 1989. American Sign Language: The Phonological Base. *Sign Language Studies*, Volume 64, pp. 195-277. Gallaudet University Press
- Liddell, S. 2003. Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lyons, J. 1981. *Language and Linguistics: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press. Edição de 1985.
- Marchesi, A. 1987. *El desarrollo cognitivo e lingüístico de los niños sordos: Perspectivas educativas*. Madri: Alianza,
- Meir, I. & Sandler, W. 2008. *A Language in Space: The Story of Israeli Sign Language*. New York, NY: Lawrence Erlbaum Associates.
- Mineiro, A. & Colaço, D. 2010. Introdução à fonética e à fonologia nas línguas gestuais e nas línguas orais. 1.ª edição, vol. 1. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Mineiro, A. 2020. Da pantomina ao gesto lexicalizado: o que uma língua emergente nos pode dizer acerca da gramaticalização dos gestos. Conferência realizada no *III Meeting on Morphosyntax of LGP and other Sign Languages*, 6 e 7 de fevereiro, 2020. Porto: FLUP e ESE/PP
- Mineiro, A. & Carmo, P. 2016. Língua Gestual de São Tomé e Príncipe: retrato dos primeiros gestos. In *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* - Vol. 11, 161-182.
- Mineiro, A. & Duarte, L. 2007. Terminologia em Língua Gestual Portuguesa: uma necessidade para a tradução? Alguns processos de formação de gestos em Ciências Naturais. *Actas das Comemorações dos 75 anos do CLUL – Sessão de Estudantes*.
- Moita, M., Carmo, P., Carmo, H., Ferreira, J. P. & Mineiro, A. 2011. Estudos preliminares para a modelização de um avatar para a LGP: os descritores fonológicos. In *Cadernos de Saúde*, Vol. 4, N.º 2, pp. 25-35.
- Morgado, C. & Brito, A. M. 2019. Pronomes pessoais fortes e fracos em duas línguas de modalidade distinta, a Língua Gestual Portuguesa e o Português Europeu: estudo exploratório. *Sensos-e*, 6 (3), número Extra Série - Línguas Gestuais: Estudos Linguísticos, 63-82. Disponível em: <https://parc.ipp.pt/index.php/sensos/art4vol6n1>.
- Nascimento, A. & Correia, M. (2011). *Um olhar sobre a Morfologia dos Gestos*. Lisboa: UCP/PRO_LGP.
- Padden, C. 1988. *Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language*. New York: Garland Publishing.
- Padden, C. 1990. The relation between space and grammar in ASL verb morphology.

- Sign language research – theoretical issues*. New York: Garland. 118-132.
- Pfau, R. 2016. Non-manuals and tones: A comparative perspective on suprasegmentals and spreading. In *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* - Vol. 11, 19-58.
- Pinto, M. G. 2009. *A linguagem ao vivo. Textos seleccionados* (org. de Duarte, I. M., Figueiredo, O. & Veloso, J.), Capflup.
- Pinto, J. 2015. *O SignWriting como um sistema de escrita apropriado às línguas gestuais: um contributo para o desenvolvimento de competências de escrita do aluno surdo?* Dissertação de doutoramento apresentada à FPCEUP/Porto.
- Quadros, R. M. & Karnopp, L. B. 2004. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artmed.
- Reagan, T. 1990. Cultural considerations in the education of deaf children. In: Moores, D. and Meadow-Orlands, K. (Eds.). *Educational and developmental aspects of deafness*. Washington: Gallaudet University Press, p.73-84.
- Rio- Torto, G. 2006. O Léxico: semântica e gramática das unidades lexicais. In M. F. Athayde (ed.). *Estudos sobre léxico e gramática*. (Cadernos do Cieg, n.º 23) Coimbra: CIEG/FLUC, pp. 11-34.
- Saussure, F. de 1916. *Cours de Linguistique Générale*. C. Bally et A. Sechehaye (Ed.), Paris: Payot.
- Sim-Sim, I. 2005. O ensino do Português escrito aos alunos surdos na escolaridade básica. In I. Sim-Sim (Org.). *A Criança surda. Contributos para a sua Educação*. Lisboa: FCG.
- Stokoe, W. 1960. *Sign Language Structure*. Maryland: Ed. Linstok Press.
- Villalva, A. 2003. Formação de palavras: composição. In M. H. M. Mateus et al. *Gramática da Língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 971-983.
- Woodward, J. 1972. Implications for sociolinguistic research among the Deaf. *Sign language Studies*, no.1, p.1-7.